

**MEU CANTO PAJADORIL**  
**Cândido Adalberto de Bastos Brasil**

Surge dos quatro elementos  
neste garrão do Brasil,  
dos altos do céu de anil  
numa tormenta de vento,  
do fogo de chão dormento,  
da água profunda e sutil,  
da terra ventre gentil,  
gaúcho cento por cento,  
em qualquer chão e momento,  
meu canto pajadoril.

É guasca e de fundamento  
vem do campo e vem a mil,  
se faz cândido e hostil,  
xucro, liberto e sedento,  
de justiça e alimento  
ao povo fraco e febril.  
É luta agrária e civil  
por direito e complemento  
e igualdade em tratamento,  
meu canto pajadoril.

É salvação e tormento  
como tiro de fuzil,  
é a fúria do projétil,  
é o carteadado pacholento.  
É rodeio, laço, talento,  
canha de guampa e cantil;  
tuia, gamela e barril,  
os ancestrais rudimentos.  
É batismo e juramento,  
meu canto pajadoril.

É o laço de qualquer tento,  
carreta, canga e canzil;  
índio aperado em perfil,  
ronda de tropa ao relento,  
cusco em vigília atento,  
a bagualada viril.  
É o manejo pastoril,  
soga, cangalha, rebento.  
É serviço em cumprimento,  
meu canto pajadoril.

É promessa em pagamento,  
chuva guasqueada de abril,  
marca de casco em carril,

benzedura e livramento.  
É cobreiro brabo e lento,  
é bicho do mato ardil,  
é o oitão, o peitoril  
do galpão - velho segmento,  
é a forma do pensamento,  
meu canto pajadoril.

É a mesa do parlamento,  
transformado em covil,  
com a política imbecil  
que só traz contentamento  
a quem usa argumento  
de modo perverso e vil,  
nesta Pátria varonil  
com ações sem cabimento,  
é coerência e julgamento,  
Meu canto pajadoril.

É um hino guapo e bento  
pela inocência infantil,  
pela experiência senil  
do tempo em andamento.  
Para o mundo em sofrimento  
é a paz e o amor fabril  
do Rio Grande senhoril  
que trás alívio e acalento,  
ao corpo e alma sustento,  
Meu canto pajadoril.